

Assentamentos ecologicamente corretos

Uma parceria entre a Embrapa Meio Ambiente e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) de São Paulo pretende transformar o Pontal do Paranapanema, a conflagrada região do interior paulista, num oásis de recuperação ambiental. Hoje, as 5 mil famílias assentadas na região lutam contra a degradação do solo arenoso, empobrecido por décadas de exploração baseada na pecuária, e apelam a culturas de subsistência, como o milho e a pecuária leiteira. Na proposta de cooperação técnica, a Embrapa acalenta um modelo alternativo. A âncora seria a produção de leite, que a maioria dos assentados conhece bem e poderia tornar-se mais ren-



LAURABEATRIZ

tável com o manejo de pastagens e o melhoramento genético do rebanho. O passo seguinte seria a exploração racional dos 20% das propriedades agrícolas reservados à preservação. Nos assentamentos, esses quinhões de terra costumam ser áreas coletivas. A Embrapa propõe que eles se-

jam transformados em sistemas agroflorestais – nos quais a recuperação da mata se associa à exploração racional. A princípio, seriam cultivados milho e feijão em meio às mudas de reflorestamento. E, quando a mata fechasse, os colonos passariam a extrair óleos essenciais e produtos fitoterápi-

cos, retirados de forma adequada. “Seria uma forma de garantir o desenvolvimento sustentável dos assentamentos”, diz o pesquisador da Embrapa Meio Ambiente Luiz Octávio Ramos Filho. Paralelamente, a viabilidade de outras culturas seria avaliada. Uma idéia é estimular os colonos a investir na agricultura orgânica. Entre os assentados, o uso de agrotóxicos ainda não está arraigado – o que facilitaria a experiência. Mas há um grande empecilho: a distância entre o Pontal e os centros consumidores de hortaliças. A Embrapa não tem quadros para atender a todos os produtores – e está em busca de verbas e parcerias para formar agentes multiplicadores. •

■ A história nas bancas de jornais

O interesse dos brasileiros pela história do país, evidenciado no sucesso de livros sobre os 500 anos do Descobrimento, passará agora pelo teste das bancas de jornais, com o lançamento de duas revistas dedicadas a esse ramo do conhecimento. Uma delas é a *Nossa História*, projeto conjunto da Biblioteca Nacional e da Editora Vera Cruz, de análises e ensaios. A capa do primeiro número é um texto do historiador Ronaldo Vainfas sobre o comportamento sexual e a religiosidade dos brasileiros nos tempos da Inquisição colo-

nia. Entre os colaboradores estão o professor de História da Arte Jorge Coli, que faz uma análise do quadro *A Primeira Missa no Brasil*, de Victor Meirelles, o jornalista e escritor Eduardo Bueno, com

um ensaio sobre as raízes históricas da corrupção e do nepotismo na burocracia brasileira, e a historiadora Mary Del Priore, que descreve um dia na vida do vice-rei d. Luís de Almeida Portugal. O outro

lançamento é a revista *História Viva*, da Duetto Editorial, que mescla reportagens e artigos sobre história do Brasil com matérias traduzidas da revista francesa *Historia*, criada em 1909. A estrutura da publicação reúne dossiês, com temas explorados em profundidade, e seções fixas sobre patrimônio, história de Portugal, grandes personagens e roteiros de lugares que preservam a memória histórica. Os textos são assinados por historiadores, escritores e jornalistas. A revista também estará disponível no endereço eletrônico www.historia-viva.com.br. Ambas as publicações têm tiragem de 50 mil exemplares. •



J.M. RUEGENDAS, MALERISCHE REISE IN BRASILIEN... (1835) BIBLIOTECA BADEN-WÜRTTEMBERG - STUTTGART

Carregadores de água no Rio de Janeiro, em *Nossa História*



■ Código de botânica agora em português

O esforço conjunto dos pesquisadores Carlos Bicudo e Jefferson Prado, apoiados pelo Instituto de Botânica (IBt) de São Paulo e pela International Association for Plant Taxonomy (IAPT) e a Sociedade Botânica de São Paulo (SBSP), resultou na tradução, inédita na língua portuguesa, do *Código Internacional de Nomenclatura Botânica (Código de St. Louis)*. "Nosso objetivo é popularizar as regras de nomenclatura botânica entre estudantes brasileiros e pesquisadores que não têm acesso ao original, em inglês", diz Jefferson Prado, do IBt. O código foi lançado em 1999 no 16º Congresso Internacional de Botânica. O português é a 10ª língua para a qual o livro foi traduzido, com autorização da IAPT. Para adquirir um exemplar, pode-se enviar um e-mail para sbsp@ig.com.br, ligar para (11) 5073-6300, r. 200 ou comprar no Instituto de Botânica (www.ibot.sp.gov.br).

SOS museus de ciência

Um edital lançado em outubro pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) destinou R\$ 4 milhões para socorrer museus e centros de ciência em dificuldades financeiras. "A idéia é dar alívio aos museus que entraram em pane", diz o vice-presidente do CNPq, Manoel Domingos Neto. "Não é muito dinheiro, mas pode ter grande impacto no funcionamento dessas instituições." Alguns museus estão quase parados por falta de dinheiro para comprar materiais de expediente, outros têm computadores tão velhos que só conseguem rodar softwares obsoletos. O edital faz parte do programa de popularização da ciência e está vinculado também à Secretaria de Inclusão Social do Ministério da Ciência e Tecnologia. O

CNPq vai usar essa iniciativa para avaliar a demanda reprimida de recursos para os museus. Já planeja, no início de 2004, lançar um novo edital, que incluirá a criação de novos museus e centros de ciência em estados onde eles são escassos. A estratégia repete a de outro programa, o de amparo à memória das instituições científicas. Um primeiro edital destinou R\$ 1 milhão para recuperação de acervos históricos. Cerca de 280 centros se candidataram. Só haverá dinheiro para um em cada oito projetos. "O que é uma pena, porque há muitas propostas de qualidade", diz Domingos Neto. O edital dos acervos serviu para sondar as necessidades nessa área. Uma nova linha de recursos para o resgate da memória da ciência virá em 2004, promete o CNPq.

■ Para um público ainda mais amplo

Pesquisa FAPESP selou em novembro mais uma parceria. O portal de educação *Universia Brasil* agora reproduz parte das reportagens exclusivas da revista no endereço www.universiabrasil.net. O conteúdo é composto de serviços, ferramentas e projetos para o público universitário – professores, estudantes e gestores – e pré-universitário. O usuário encontra informações sobre carreira, bolsa de estudos, publicações, cultura, agenda de eventos, esportes e entretenimento. A Rede *Universia* está presente em dez países: Espanha, Portugal, Brasil, México, Colômbia, Argentina, Peru, Chile, Porto Rico e Venezuela. No Brasil, reúne 150 instituições de ensino e alcança cerca de 1,6 milhão de universitários. "A parceria com a *Pesquisa FAPESP* é importante para o portal *Universia Brasil* porque também incentivamos a produção científica nacional e colaboramos para divulgação

dos trabalhos elaborados no país, tanto para o público local quanto para os demais países que fazem parte da Rede Universia, presente na América Latina e Península Ibérica”, diz a diretora-geral do portal, Maria Voivodic. A parceria com *Pesquisa FAPESP* disponibilizará as reportagens da revista (www.revista-pesquisa.fapesp.br) para um público ainda mais amplo que o alcançado hoje pela publicação. A iniciativa junta-se a outras, como a parceria com o Internet Group (IG) e a Agência Estado Setorial (AE), que já reproduzem textos da revista e os tornam mais acessíveis a leitores de todas as partes do país. •

■ As FAPs que estavam faltando

O Rio Grande do Norte era o único estado nordestino sem uma fundação de amparo à pesquisa. Deixou de ser exceção no dia 14 de novembro, quando a governadora potiguar Wilma Maia sancionou a lei que cria a – Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Norte (Fapern). A lei entrou em vigor, simbolicamente, na mesma cerimônia em que a governadora e o Ministério da Ciência e Tecnologia assinaram convênio para a instalação no estado do Instituto Internacional de Neurociências. O modelo das FAP consagrou-se no país, ainda que poucos governadores garantam um fluxo regular de recursos para as instituições. Outra FAP que promete sair do papel é a de Goiás. No dia 17, o governador Marconi Perillo apresentou uma mensagem à Assembléia Legislativa goiana propondo a criação da Fapego. O projeto de lei foi enviado no mesmo dia



Saia justa em Houston

O candidato brasileiro a astronauta Marcos Pontes amargou uma saia justa em Houston, onde há cinco anos vive e participa de treinamentos para passar uma temporada em órbita na Estação Espacial Internacional. No final de outubro, o Ministro da Ciência e Tecnologia, Roberto Amaral, anunciou que está pleiteando junto à China, potência espacial emergente, a participação de um astronauta brasileiro nas futuras missões tripuladas do país. Pontes, por dever de ofício, deu declarações saudando a idéia do ministro. Acabou interpelado pela

Nasa, que acaba de concluir uma longa negociação para manter o Brasil no consórcio da estação, apesar de o país não ter fornecido os equipamentos prometidos. Para os amigos da Nasa, Pontes disse que, de sua parte, os planos não haviam mudado. Dias antes, o presidente da Agência Espacial Brasileira, Luiz Bevilacqua, participou com Pontes nos Estados Unidos de uma reunião com o grupo de planejamento científico da estação. Se os vôos dos ônibus espaciais da Nasa forem retomados em 2004, o brasileiro poderá ir ao espaço em 2006. •

em que a capital Goiânia sediava uma reunião do Fórum Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa. Desse encontro, saiu a relação dos coordenadores regionais do fórum. Na região Norte, o escolhido foi José Aldemir de Oliveira, da Fundação do Amazonas. No Nordeste, o coordenador é Acácio Veras e

Silva, do Piauí. Houve empate na escolha do representante do Centro-Oeste, entre Rafael de Oliveira Alves, do Mato Grosso do Sul, e Kazuyoshi Ofugi, de Brasília. Na região Sudeste, o eleito foi José Geraldo Drummond, presidente da Fapemig, e, na região Sul, Jorge Bounassar Filho, do Paraná. •

■ Um basta ao tráfico de animais

Há um personagem emergente na militância ecológica do Brasil. Dener Giovanini, de 35 anos, foi agraciado com o Prêmio Sasakawa concedido pelas Nações Unidas a defensores do meio ambiente. Esse mesmo prêmio projetou internacionalmente o seringueiro Chico Mendes em 1988, pouco antes de sua morte. Há três anos, Giovanini criou a Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (Rencatas), uma ONG com 900 voluntários que coleta e denuncia histórias de crueldade relacionadas ao transporte e à venda de animais. Giovanini é militante há mais de uma década, mas combate o tráfico de animais desde 1998, quando assumiu a Secretaria do Meio Ambiente da cidade fluminense de Três Rios, próxima à divisa com Minas Gerais. Surpreendeu-se com a quantidade de animais apreendidos nas estradas que dão acesso à cidade. Foi buscar orientação, não encontrou – e aí decidiu montar a rede. Estima-se que cem traficantes de animais já tenham sido presos graças ao trabalho da Rencatas. Crítico da política ambiental do governo, que considera “imobilista e desorientada”, Giovanini elogia a polícia florestal. “É incrível como eles conseguem fazer tanto com tão pouco.” Aposta na informação e na lógica do mercado para conter o tráfico: as histórias de bichos transportados em condições degradantes terão o dom de convencer as pessoas a boicotar a compra de animais silvestres. No combate à biopirataria, sua receita é outra. “O jeito é investir em pesquisa aqui no Brasil. E, é claro, acompanhar de perto as atividades dos estrangeiros”, afirma. •